



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA
ORIENTADOR: PROFESSOR DR. VALDINEY VELOSO GOUVEIA

**POLARIZAÇÃO POLÍTICA AFETIVA:
SÃO OS VALORES HUMANOS E OS TRAÇOS DE PERSONALIDADE UMA
EXPLICAÇÃO?**

HERENILSON FERREIRA DE LIMA

João Pessoa/PB

Julho, 2021

Polarização Política Afetiva:

São os Valores Humanos e os Traços de Personalidade uma Explicação?

Resumo: O presente estudo teve como objetivo conhecer em que medida a polarização política afetiva se correlaciona com os valores humanos e os traços sombrios da personalidade. Participaram do estudo 209 pessoas com idade média de 28,6 anos, a maioria do sexo feminino (53,1%), que responderam versões online de três medidas: Escala de Polarização Política Afetiva, Questionário dos Valores Básicos e *Dark Triad Dirty Dozen*. Os resultados mostraram que a maior polarização afetiva à direita se correlacionou positivamente com valores normativos, enquanto a maior polarização afetiva à esquerda o fez com os valores de experimentação. Embora os traços sombrios não tenham se correlacionado com polarização afetiva política, o fizeram com os valores; o *narcisismo* se correlacionou positivamente com os valores de *experimentação* e *realização*, enquanto que a *psicopatia* e o *maquiavelismo* o fizeram negativamente com os valores normativos. Estes achados foram discutidos à luz de estudos prévios, que indicam o posicionamento à direita como mais focados em princípios conservadores, enquanto o da esquerda endossa maior abertura a novas experiências.

Palavras-chave: Polarização; afetiva; política; valores humanos; traços sombrios.

Affective Political Polarization:

Are Human Values and Personality Traits an Explanation?

Abstract: The present study aimed to know to what extent affective political polarization correlates with human values and dark personality traits. Participants were 209 people with a mean age of 28.6 years, most of them female (53.1%). They answered online version of three measures: Affective Political Polarization Scale, Basic Values Survey and Dark Triad Dirty Dozen. Results showed that the greater affective polarization on the right was positively correlated with normative values, while the greater affective polarization on the left did so with the experimental values. Although the dark traits did not correlate with political affective polarization, they did so with the values; narcissism was positively correlated with the values of experimentation and achievement, while psychopathy and Machiavellianism did so negatively with normative values. These findings were discussed based on previous studies, which indicate the position on the right as more focused on conservative principles, while the left endorses greater openness to new experiences.

Keywords: Polarization; affective; politics; human values; dark traits.

Introdução

Diversos estudos apontam que a polarização tem crescido nos últimos anos (Abeywickrama, Rhee, Crone, & Laham, 2020; Fuks & Marques, 2020; Iyengar, Sood, & Lelkes, 2012; Iyengar et al., 2018; Machado & Miskolci, 2019; Tappin & McKay, 2019). Entretanto, a maior parte dos estudos diz respeito ao contexto político estadunidense, cujo sistema partidário é dividido em dois: democratas e republicanos. No Brasil, diferentemente, o sistema político é multipartidário, revelando um contexto de polarização mais complexo. As publicações desta temática também distinguem entre polarização afetiva e polarização ideológica (Fuks, & Marques, 2020; Iyengar, Sood, & Lelkes, 2012), sendo a primeira relativa às expressões emocionais e a segunda referente aos distanciamentos ideológicos, ou seja, o grau de distanciamento entre as opiniões (DiMaggio, Evans, & Bryson, 1996). A existência desta distinção significa que as discordâncias de opiniões entre os grupos ideológicos não são necessariamente acompanhadas de emoções polarizadas, como raiva pelo exogrupo ou amor ao endogrupo. Portanto, é possível que os diversos grupos ideológicos se distanciem significativamente sem manifestar conflitos afetivos. Por outro lado, os conflitos afetivos entre grupos políticos muitas vezes não apresentam fundamentos ideológicos, ou seja, distinções significativas entre as opiniões políticas (Fuks & Marques, 2020; Iyengar, Sood, & Lelkes, 2012). Devido a isso, Iyengar, Sood e Lelkes (2012) sugerem que tais conflitos podem ter origem na mera divisão entre grupos, apoiando-se na teoria de Tajfel (1970). Segundo esta teoria, indivíduos categorizados em grupos distintos tendem a alimentar sentimentos positivos ao seu grupo e negativos em relação aos demais, sem, necessariamente, apresentarem diferenças significativas. No entanto, o amor ao endogrupo é um fator distinto do ódio ao exogrupo, visto que nem sempre o primeiro está associado ao segundo (Tappin & McKay, 2019).

A literatura sobre a polarização cobre uma gama de aspectos associados, enriquecendo o acúmulo de conhecimento acerca das características subjacentes. Por exemplo, Quattrociocchi, Scala e Sunstein (2016) encontraram que os grupos polarizados tendem a formar Câmaras de Eco no Facebook, reforçando as ideias que defendem e evitando contato com as que se opõem. Isso reforça os achados de Machado e Miskolci (2019) para o uso das redes sociais no Brasil, reforçando que o contato com ideias contrárias ao que se defende impulsiona ainda mais a polarização (Bail et al., 2018). Nesta mesma direção, Frimer, Skitka e Motyl (2017) demonstram que tanto a direita quanto a esquerda são inflexíveis em seus posicionamentos e evitam contato com ideias opostas, inclusive ambos grupos apresentam o mesmo nível de preconceito contra a ideologia oposta (Tappin & McKay, 2019).

Parece haver em todos os casos de bolhas ideológicas uma forte presença do viés de confirmação. Como explicam Tappin e McKay (2019), o viés de confirmação é composto por três elementos: (1) exposição seletiva às ideias que confirmam suas crenças, (2) interpretação da informação de modo a favorecer a opinião defendida e (3) lembrar com maior facilidade das informações que fundamentam a própria crença.

Abeywickrama, Rhee, Crone e Laham (2020) sustentam que a defesa moral, em vez da defesa prática, é um forte impulsionador de polarização. Esta defesa consiste na argumentação em favor de valores morais, enquanto que a defesa prática consiste em argumentações que apontam para resultados práticos, econômicos e objetivos. Por exemplo, ao indagar seus participantes sobre a emissão de carbono na atmosfera, a imigração nos Estados Unidos e o comportamento do consumidor, eles distinguiram as respostas morais das práticas a fim de averiguar o grau de polarização a cada uma destas duas categorias. Então observaram que pessoas que foram solicitadas a dar argumentações morais apresentaram maior grau de polarização do que as que foram solicitadas a dar respostas práticas.

No presente estudo se adota a polarização afetiva como marco principal, presumindo sua maior presença no contexto brasileiro em detrimento da polarização ideológica (Fuks & Marques, 2020). Portanto, em vez de ter em conta posicionamentos pontuais (polarização ideológica) como as opiniões acerca dos papéis do Estado, a legalização das drogas, a legalização do aborto, o casamento gay, a tradição e o progressismo, consideraram-se as manifestações afetivas direcionadas a quem é da direita ou da esquerda, aferindo assim o grau de polarização afetiva das pessoas e procurar compreender seus antecedentes. Neste caso concreto, elegeram-se dois construtos centrais na Psicologia Social: valores humanos e traços de personalidade, focando naqueles denominados sombrios.

Polarização Afetiva Política

Embora esta temática da polarização política venha sendo amplamente abordada nos Estados Unidos (Iyengar et al., 2018), no Brasil os estudos a respeito ainda são escassos (Fuks & Marques, 2020). De fato, o fenômeno em si começa a ficar evidente neste país a partir de 2013, durante as Jornadas de Junho, cujo contexto político conturbado, incluindo manifestações de rua, marcava a ascensão dos movimentos de direita, como o Movimento Brasil Livre (MBL), Endireita Brasil, Instituto Millenium, Vem pra Rua e Revoltados Online (Machado & Miskolci, 2019). Apesar do crescimento mais recente da polarização política, há que lembrar que já na segunda metade da década de noventa alguns sites, como o Indymidia (esquerda) e o Olavo de Carvalho (direita), já gestavam um conflito que mais tarde se expandiu com a consolidação de redes sociais mais abrangentes, como o Facebook e o Twitter (Machado & Miskolci, 2019).

O crescimento da direita, em contraposição há esquerda que se tornou hegemônica a partir do final dos anos 1980, revelou-se também por meio do aumento da venda de obras conservadoras, como as de Edmund Burke, Roger Scruton, Russell Kirk e Michael Oakeshott, bem como das ideias divulgadas por liberais, principalmente por meio do Instituto Ludwig

von Mises (Souza, 2016). Apesar dos movimentos e indivíduos de esquerda terem sido predominantes no cenário político até 2013 (Machado & Miskolci, 2019), o aumento continuado da direita foi tornando a polarização assimétrica. De fato, a curva de polarização entre as ideologias atualmente se dá mais para a direita do que para a esquerda (Fuks & Marques, 2020).

Pese a ideia de dicotomia ou polarização de direita e esquerda como sendo ideológica, Fuks e Marques (2020) evidenciam que, em essência, há menos polarização ideológica e mais afetiva. Portanto, comumente não são observadas diferenças significativas em opiniões relativas a questões polêmicas em que se presumem diferenciar pessoas de um ou outro grupo (e.g., casamento *gay*, papel do estado no combate a desigualdade), revelando-se em maior medida uma conotação ou polarização afetiva, isto é, a atribuição de conceitos ou a sustentação de preconceitos frente a um ou outro grupo por membros daquele opositor. Este cenário parece revelar que elementos de natureza mais social (valores humanos) ou pessoal (traços de personalidade) poderiam explicar a polarização afetiva política no Brasil.

Valores Humanos

Embora existam diferentes modelos teóricos acerca dos valores humanos (Gouveia, 2013), no presente se toma em conta a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 2003). Esta considera um conjunto de valores humanos específicos que podem ser agrupados de acordo com dois tipos de motivador (idealista/humanitário e pragmático/materialista) e três critérios de orientação (pessoais, centrais e sociais). A combinação destas dimensões funcionais (tipo de motivador e tipo de orientação) permite derivar seis valores básicos ou subfunções valorativas, como seguem: experimentação, realização, existência, suprapessoal, interativa e normativa. Especificamente, os valores de experimentação e realização são de orientação pessoal, os de existência e suprapessoal traduzem a orientação central e aqueles das subfunções interativa e normativa têm orientação social; os valores experimentação,

suprapessoal e interativa cobrem o motivador idealista, enquanto que realização, existência e normativa correspondem ao motivador pragmático.

As funções psicossociais são subcategorias de valores que distinguem os tipos de valores primários (ao todo são dezoito), que expressam as necessidades humanas e as pré-condições para satisfazê-las. Tais valores específicos são sobrevivência, sexual, prazer, emoção, estabilidade pessoal, saúde, religiosidade, apoio social, afetividade, convivência, êxito, prestígio, poder, maturidade, tradição, obediência, conhecimento e beleza (para mais detalhes sobre cada valor primário, ver Gouveia, 2013).

Traços Sombrios de Personalidade

A Tríade Sombria é composta por três traços sombrios de personalidade: psicopatia, narcisismo e maquiavelismo (Paulhus, & Williams, 2002). A psicopatia é formada pela relação entre três fatores (Patrick, Fowles, & Krueger, 2009): audácia, cujo indivíduo apresenta boa resiliência, dominação social e estabilidade emocional; crueldade, que inclui estilo de vida parasitário, insensibilidade, ausência de remorso e de empatia; por fim, desinibição, cujos traços representam baixo autocontrole dos impulsos, intolerância à frustrações e dificuldade de adiar gratificações (Brislin, Drislane, Smith, Edens, & Patrick, 2015; Drislane et al., 2014). Entretanto, as pessoas não são divididas apenas entre psicopatas e não-psicopatas. Estes traços estão presentes nas pessoas em diferentes magnitudes, variando em um continuum, de forma que o psicopata prototípico é um indivíduo com altos escores em todos eles (Edens, Marcus, Lilienfeld, & Poythress, 2006; Walters, Brinkley, Magaletta, & Diamond, 2008).

Já o maquiavelismo traduz um sujeito sem escrúpulos para alcançar os seus objetivos, utilizando-se de manipulações, enganações, mentiras e bajulações para conseguir o que desejam (Christie & Geis, 1970, Fehr, Samsom, & Paulhus, 1992). Miller, Hyatt, Maples-Keller, Carter e Lynam (2016) vão além e apontam algumas diferenças entre os

maquiavélicos e os psicopatas que principais instrumentos de medida do maquiavelismo não cobrem, como a alta capacidade de controle dos impulsos e facilidade em adiar gratificações. De modo semelhante à psicopatia, as pessoas também diferem nos traços maquiavélicos, não havendo, portanto, uma distinção abrupta entre pessoas maquiavélicas e não-maquiavélicas (Wilson et al., 1996).

Quanto ao narcisismo, trata-se de uma patologia no qual estão presentes um pensamento constante de auto grandiosidade, estilo de vida parasitário, necessidade constante de ser admirado pelas pessoas, falta de empatia e a crença de que possui mais direitos que os outros (APA, 2013).

Diante do previamente apresentado, pensou-se o presente estudo, tendo por objetivo conhecer em que medida a polarização afetiva política no Brasil poderia ser explicada por valores humanos endossados pelas pessoas ou em razão de seus traços sombrios de personalidade. Embora o próprio posicionamento político possa explicar a polarização afetiva em termos do binômio direita-esquerda, talvez outros construtos poderão contribuir para entender esta polarização.

Método

Delineamento e Hipótese

Tratou-se de um estudo correlacional, tendo delineamento *ex post facto*. Duas hipóteses alternativas foram formuladas: (1) as pessoas que endossam a esquerda (maior polarização afetiva em favor da esquerda) apresentarão maiores pontuações em valores de experimentação; e (2) as pessoas que endossam a direita (maior polarização afetiva em favor da direita) apresentarão maiores pontuações em valores normativos.

Participantes

Participaram deste estudo 209 pessoas da população geral, tendo idade média de 28,6 anos ($DP = 9,90$; 93,3% com 20 ou mais anos), a maioria do sexo feminino (53,1%),

descrevendo-se como tendo orientação política definida (65,6%), sendo que 32,7% se declararam de esquerda, 24,7% de centro e 42,6% de direita. Quanto em quem votaram no segundo turno para Presidente da República na eleição de 2018, 35,9% indicaram ter votado em Jair Bolsonaro, 29,7% em Fernando Haddad e 34,4% não votaram ou votaram branco ou nulo. Tratou-se de amostra de conveniência, tendo participado as pessoas que, convidadas, concordaram em fazê-lo voluntariamente.

Instrumentos

Os participantes responderam um questionário constando de quatro partes principais, uma correspondendo aos dados sociodemográficos (i.e., idade, sexo, posicionamento político e votação no segundo turno da eleição presidencial de 2018), e as seguintes medidas:

Escala de Polarização Política Afetiva. Elaborada com o fim de cobrir disposições afetivas positivas e negativas frente à esquerda e à direita, reuniu 12 itens (e.g., O povo da esquerda não tem escrúpulos; O povo da esquerda é justo; O povo da direita é egoísta; O povo da direita é honesto). Estes itens foram respondidos em escala de cinco pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). Realizou-se uma análise de componentes principais, fixando a extração de um único fator (valor próprio de 5,64, explicando 47,0% da variância total), cujos itens tiveram saturação acima de 0,60, excetuando um item que apresentou 0,27 (O povo de esquerda é pluralista). Decidiu-se então reter todos os itens, calculando uma pontuação fatorial (método de regressão), que indicou que a maior pontuação expressava polarização afetiva favorável à direita, enquanto a menor indicava maior adesão à esquerda. O fator geral obteve alfa de Cronbach de 0,89.

Questionário dos Valores Básicos. Elaborado por Gouveia (2003, 2013), este instrumento reúne 18 itens, cada um formado por dois descritores, procurando representar o conteúdo inerente do valor. Estes valores são distribuídos equitativamente em seis subfunções valorativas: experimentação, realização, existência, suprapessoal, interativa e normativa. Com

o fim de respondê-los, o participante deve ler cada um com atenção e avaliar sua importância com um princípio-guia na sua vida, utilizando escala de sete pontos, variando de 1 (*Totalmente não importante*) a 7 (*Totalmente importante*).

Dark Triad Dirty Dozen (DTDD). Elaborada por Jonason e Webster (2010), este instrumento foi adaptado ao contexto brasileiro por Gouveia, Monteiro, Gouveia, Athayde e Cavalcanti (2016). Compõe-se de 12 itens divididos, equitativamente, em três dimensões: Maquiavelismo (e.g., Costumo bajular os outros para conseguir o que quero), psicopatia (e.g., Eu tendo a ser insensível ou indiferente) e narcisismo (e.g., Eu tendo a querer que os outros prestem atenção em mim), os quais são respondidos em escala de cinco pontos, variando de 1 (*Discordo totalmente*) a 5 (*Concordo totalmente*).

Procedimento

Os participantes foram convidados a colaborar por meio das redes sociais (i.e., Instagram, Facebook, Twitter e WhatsApp), onde se dispunha de um link para acessar o questionário. Entretanto, antes de começar a responder cada participante precisa ler e marcar a opção de que concordava com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguindo recomendações éticas vigentes de pesquisas com seres humanos (Resolução CNS 510/2016). A todos foi informado que sua participação seria voluntária e que poderiam deixar o estudo a qualquer momento, caso desejassem. Em média, estima-se que as pessoas levaram cerca de 15 minutos para concluírem sua participação.

Resultados

Inicialmente, decidiu-se correlacionar a pontuação total de polarização afetiva com os valores humanos e os traços sombrios de personalidade. Os resultados desta análise são mostrados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1. Correlação de polarização afetiva com traços sombrios de personalidade e valores humanos

01. Polarização Afetiva										
02. Experimentação	-0,21**									
03. Realização	0,18*	0,56***								
04. Existência	-0,05	0,45***	0,49***							
05. Suprapessoal	-0,11	0,46***	0,51***	0,63***						
06. Interativa	-0,10	0,48***	0,45***	0,57***	0,58***					
07. Normativa	0,38***	0,15*	0,47***	0,35***	0,34***	0,45***				
08. Psicopatia	0,03	-0,04	-0,04	-0,07	-0,15*	-0,27***	-0,16*			
09. Narcisismo	-0,06	0,19**	0,30***	0,04	0,06	0,01	-0,07	0,25***		
10. Maquiavelismo	0,01	-0,02	0,04	-0,09	-0,22**	-0,24**	-0,17*	0,52***	0,45***	
11. Tríade Sombria	-0,01	0,05	0,12	-0,06	-0,14*	-0,22**	-0,17*	0,75***	0,71***	0,86***
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$ (teste bicaudal)

De acordo com a Tabela 1, a polarização política se correlacionou diretamente com os valores de *realização* e *normativos*, indicando que quanto mais simpaticamente ou afetivamente favorável à direita, tanto mais as pessoas deram importância a estes valores. No caso dos traços sombrios de personalidade, não se observou qualquer correlação significativa com a polarização afetiva. Quanto à correlação entre tais traços e os valores humanos, o *narcisismo* se correlacionou diretamente com os valores pessoais de *experimentação* e *realização*, enquanto que a *psicopatia* e o *maquiavelismo* o fizeram negativamente com os valores *normativos*; este último traço também o fez com os valores *suprapessoais* e *interativos*, embora as correlações tenham sido negativas. De acordo com esses achados, corroboram-se as hipóteses do presente estudo, isto é, pessoas que endossam afetivamente a direita tendem a pontuar mais em valores normativos, enquanto que os que endossam afetivamente a esquerda o fazem em valores de experimentação.

Complementando as informações, procurou-se, ainda, saber se a polarização afetiva se correlacionava com variáveis demográficas. No caso, a idade não apresentou qualquer

correlação significativa ($r = 0,01, p > 0,05$), mas o fizeram a orientação ideológica, avaliada em escala de 1 (Extrema Esquerda) a 5 (Extrema Direita) ($r = 0,75, p < 0,001$) e sexo (0 = feminino, 1 = masculino) ($r = 0,20, p < 0,01$). Portanto, pessoas que têm maior orientação à extrema direita e são do sexo masculino apresentam maior tendência à polarização afetiva que endossa a direita.

Procurando explorar mais os achados acerca da polarização afetiva, decidiu-se realizar uma regressão hierárquica, tomando esta variável como critério e os traços de personalidade e valores como explicadores; a estas variáveis também foram adicionadas as variáveis sociodemográficas. Os resultados desta análise podem ser observados na Tabela 2 a seguir.

Tabela 2. Regressão hierárquica explicando a polarização afetiva

Modelo	R	R ²	R ² ajustado	Erro padrão B	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R ²	Mudança F	gl1	gl2	p
1	,752 ^a	,566	,557	,73097673	,566	68,151	3	157	,000
2	,753 ^b	,566	,549	,73745475	,001	,085	3	154	,968
3	,779 ^c	,606	,574	,71695559	,040	2,489	6	148	,025

a. Preditores: (Constante): Orientação ideológica, Idade e Sexo

b. Preditores: (Constante): Orientação ideológica, Idade e Sexo, Narcisismo, Psicopatia e Maquiavelismo

c. Preditores: (Constante): Orientação ideológica, Idade e Sexo, Narcisismo, Psicopatia e Maquiavelismo, Existência, Experimentação, Normativa, Suprapessoal, Interativa e Realização

Os resultados da Tabela 2 evidenciam a importância de características demográficas e dos valores para explicar a polarização afetiva. Especificamente, na análise de regressão linear hierárquica foi consideradas no primeiro bloco (Modelo 1) as variáveis sociodemográficas (Orientação Ideológica, Idade e Sexo). Estas explicaram conjuntamente [R^2 ajustado = 0,56; $F(3, 157) = 68,15, p < 0,001$] 56% da variância em polarização afetiva (variável critério). Controlando o efeito dessas variáveis, percebeu-se que os traços sombrios de personalidade, que entraram no segundo bloco (Modelo 2), não contribuíram de forma significativa [$F(3, 154) = 0,09, p > 0,05$]. Por fim, no terceiro bloco (Modelo 3) foram

inseridos os valores humanos, que contribuíram significativamente [$F(6, 148) = 2,49, p = 0,025$] para explicar a medida de polarização afetiva, adicionando 4% à explicação da variância desta polarização.

Discussão

O objetivo deste estudo foi conhecer em que medida a polarização afetiva política se correlacionaria com os valores humanos e os traços sombrios de personalidade. Confia-se que este tenha sido alcançado, revelando que tal polarização se correlaciona em maior medida com os valores humanos, sobretudo os de experimentação e normativos. Pese a esta evidência, não se descartam limitações potenciais do estudo, como considerar apenas medidas explícitas ou autorrelatas ou contar apenas com amostra de conveniência. Entretanto, há que se indicar que esta é uma das primeiras tentativas de abordar o tema no Brasil, tendo valor heurístico.

Apesar de não ter sido observada qualquer correlação entre os posicionamentos político/ideológicos, autorrelatados ou medidos pela Escala de Polarização Afetiva Política, com a tríade sombria, a literatura evidencia correlações entre os valores e os traços desta tríade (Coelho et al., 2021; Jonason et al., 2018). Desta forma, os achados sobre os valores e a tríade sombria se assemelham aos relatados na literatura, que demonstram correlações positivas dos valores de experimentação com o narcisismo e o maquiavelismo. Contrariamente ao estudo de Jonason et al. (2018), entretanto, a correlação deste valor com os traços de psicopatia não foi significativa. Em estudos prévios o valor de realização também se correlacionou com maquiavelismo, narcisismo e psicopatia, enquanto que os normativos tiveram correlação negativa com todos os componentes da tríade sombria (não foi significativa com narcisismo) (Coelho et al., 2021; Jonason et al., 2018).

Levando em conta que o endosso afetivo da direita se correlacionou diretamente com maior pontuação em valores normativos, enquanto que o endosso afetivo da esquerda levou a

maior pontuação em valores de experimentação, percebe-se que a polarização afetiva se traduz também em termos de polarização axiológica. De fato, valores de experimentação e realização são os menos congruentes, podendo até relevar em algumas teorias dos valores, como a de S. H. Schwartz como valores conflitantes ou contraditórios (Gouveia, 2013).

Por fim, em relação às hipóteses do estudo, os achados permitem confirmá-las, indicando que é coerente admitir que a direita pode ser melhor percebida como adotando valores que acentuam a manutenção do *status quo* e os padrões tradicionais e morais secular, enquanto que a esquerda prima por valores que evidenciam maior abertura à mudança, ao diferente (Gouveia, 2003, 2013). Isso parece sugerir que a polarização política no Brasil, embora possa ter indícios de fundamentação ideológica, é, sobretudo, afetiva, mas também axiológica.

Considerações finais

É importante ressaltar que à limitação da amostra de conveniência se soma o tamanho reduzido desta amostra. Esta condição se deveu ao contexto pandêmico, que impediu acessar pessoas em ambientes públicos, como nas universidades, recorrendo a procedimento de coleta virtual. Diante disso, faz-se necessário empreender esforços para realizar mais estudos, contemplando amostras mais representativas a fim de verificar se há correlação entre a polarização afetiva e os traços sombrios de personalidade, mas também incorporando novos construtos, como podem ser crenças no mundo justo, confiança nas instituições ou crenças em teorias da conspiração. Far-se-á necessário, igualmente, tratar diferentes grupos de orientação político-ideológica, como conservadores, liberais e marxistas, por exemplo, considerando a subjetividade inerente aos termos ‘direita e ‘esquerda’ no Brasil. A distinção entre as principais cosmovisões representaria um ganho de precisão nas análises.

Referências

- Abeywickrama, R. S., Rhee, J. J., Crone, D. L., & Laham, S. M. (2020). Why moral advocacy leads to polarization and proselytization: The role of self-persuasion. *Journal of Social and Political Psychology, 8*(2), 473-503.
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5^a ed.). Washington, DC: American Psychiatric Association.
- Bail, C. A., Argyle, L. P., Brown, T. W., Bumpus, J. P., Chen, H., Hunzaker, M. F., ... & Volfovsky, A. (2018). Exposure to opposing views on social media can increase political polarization. *Proceedings of the National Academy of Sciences, 115*(37), 9216-9221.
- Coelho, G. L., Hanel, P. H., Monteiro, R. P., Vilar, R., & Gouveia, V. V. (2021). The Dark Side of Human Values: How Values are Related to Bright and Dark Personality Traits. *The Spanish Journal of Psychology, 24*.
- Christie, R., & Geis, F. L. (1970). *Studies in Machiavellianism*. New York, NY: Academic Press.
- DiMaggio, P., Evans, J., & Bryson, B. (1996). Have American's social attitudes become more polarized? *American Journal of Sociology, 102*(3), 690–755. doi:10.1086/230995
- Edens, J. F., Marcus, D.K., Lilienfeld, S. O., & Poythress, N. G. (2006). Psychopathic, not psychopath: Taxometric evidence for the dimensional structure of psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology, 115*, 131-144.
- Fehr, B., Samson, D., & Paulhus, D. L. (1992). The construct of Machiavellianism: Twenty years later. Em C. D. Spielberger & J. M. Butcher (Eds.), *Advances in Personality Assessment* (pp. 77-116). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Frimer, J. A., Skitka, L. J., & Motyl, M. (2017). Liberals and conservatives are similarly motivated to avoid exposure to one another's opinions. *Journal of Experimental Social Psychology, 72*, 1–12. doi:10.1016/j.jesp.2017.04.003

- Fuks, M., & Marques, P. (2020). Afeto ou ideologia: medindo polarização política no Brasil? Retirado em 12 de maio de 2021, de (20) (PDF) Afeto ou ideologia: medindo polarização política no Brasil (researchgate.net)
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 8, 431–443.
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Fundamentos, Aplicações e Perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gouveia, V. V., Monteiro, R. P., Gouveia, R. S. V., Athayde, R. A. A., & Cavalcanti, T. M. (2016). Avaliando o lado sombrio da personalidade: Evidências psicométricas do Dark Triad Dirty Dozen. *Interamerican Journal of Psychology*, 50, 420-432.
- Iyengar, S., Lelkes, Y., Levendusky, M., Malhotra, N., & Westwood, S. J. (2018). The origins and consequences of affective polarization in the United States. *Annual Review of Political Science*, 22(1). doi:10.1146/annurev-polisci-051117-073034
- Iyengar, S., Sood, G., & Lelkes, Y. (2012). Affect, not ideology social identity perspective on polarization. *Public Opinion Quarterly*, 76(3), 405-431.
- Jonason, P. K., Foster, J. D., Kavanagh, P. S., Gouveia, V. V., & Birkás, B. (2018). Basic values and the dark triad traits. *Journal of Individual Differences*, 39(4), 220–228.
- Machado, J., & Miskolci, R. (2019). Das Jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. *Sociologia & Antropologia*, 9, 945-970.
- Miller, J. D., Hyatt, C. S., Maples-Keller, J. L., Carter, N. T., & Lynam, D. R. (2016). Psychopathy and Machiavellianism: A distinction without a difference? *Journal of Personality*.
- Patrick, C. J. (2006). Back to the Future: Cleckley as Guide to the next Generation of Psychopathy Research. En C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 605-617). New York, NY: The Guilford Press.

- Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology, 21*, 913-938.
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The Dark Triad of Personality: *narcissism, Machiavellianism, and Psychopathy*. *Journal of Research in Personality, 36*, 556-563.
- Quattrociocchi, W., Scala, A., & Sunstein, C. R. (2016). Echo chambers on Facebook. Retirado em 17 de julho de 2021, de [https://www.researchgate.net/publication/323980520 Echo Chambers on Facebook](https://www.researchgate.net/publication/323980520_Echo_Chambers_on_Facebook).
- Souza, J. M. A. D. (2016). Edmund Burke e a gênese do conservadorismo. *Serviço Social & Sociedade, São Paulo*, n. 126, p. 360-377.
- Tajfel, H. (1970). Experiments in intergroup discrimination. *Scientific American, 223*(5), 96-103.
- Tapping, B. M., & McKay, R. T. (2019). Moral polarization and out-party hostility in the US political context. *Journal of Social and Political Psychology, 7*(1), 213-245.
- Walters, G. D., Brinkley, C. A., Magaletta, P. R., & Diamond, P. M. (2008). Taxometric analysis of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale. *Journal of Personality Assessment, 90*, 491-498.
- Wilson, D. S., Near, D., & Miller, R. R. (1996). Machiavellianism: A synthesis of the evolutionary and psychological literatures. *Psychological Bulletin, 119*, 285-299.